

1. INTRODUÇÃO

Tudo vive em mim. Tudo se entranha
Na minha tumultuada vida. E por isso
Não te enganas, homem, meu irmão,
Quando dizes na noite, que só a mim vejo.
Vendo-me a mim, a ti. E a esses que passam
Nas manhãs, carregados de medo, de pobreza,
O olhar aguado, todos eles em mim,
Porque o poeta é irmão do escondido das gentes
Descobre além da aparência, é antes de tudo
LIVRE, e por isso conhece. Quando o poeta fala
Fala do seu quarto, não fala do palanque,
Não está no comício, não deseja riqueza
Não barganha, sabe que o ouro é sangue
Tem os olhos no espírito do homem
No possível infinito. Sabe de cada um
A própria fome. E porque é assim, eu te peço:
Escuta-me. Olha-me. Enquanto vive um poeta
O homem está vivo.

Hilda Hilst

A escrita feminina é antes de tudo um ato de libertação. É explorar a potência do significante, é escrever com o corpo, com a própria experiência de vida. E a vida feminina tem uma ancestralidade, um passado (ainda presente?) de repressão, de silêncio, de uma voz que sempre foi calada, subjugada. Só a potência do imaginário - de onde partem as grandes revoluções - pode levar à mudança. E essa potência está manifesta na escrita feminina. Que escrita é essa? É a escrita de onde emerge a voz da alteridade, um modo idiossincrásico de olhar o mundo. Ela acontece quando a mulher escritora faz da arte de escrever um manifesto insurreto. Mas essa escrita tem tamanha força que dribla as barreiras do sexo. Os homens também são capazes de escrever femininamente. Toda vez que um escritor ou escritora rompe com a lógica falocêntrica, inaugura uma nova linguagem, uma nova ordem, está praticando essa escrita. E é então que uma voz autêntica, primal, se faz ouvir.

Este trabalho é fruto do esforço para ouvir essa outra voz. Que emerge quando o ruído do autoritarismo se desfaz, ou é desfeito pela voz da autenticidade, do corpo, da materialidade do signo.

Quando Flaubert disse “Madame Bovary c’est moi”, ousou ser um homem capaz de sentir como uma personagem feminina. Já Madame Bovary sentia – e agia – como as personagens dos livros que lia. Há, portanto, um processo de identificação entre autor, personagem e leitor. Essa identificação acontece porque a literatura tem esse poder da revelação, de mostrar o mais íntimo e profundo que existe em nós. Como leitora e mulher, compartilho com as escritoras referidas neste trabalho - Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector, Lya Luft, Hilda Hilst e Adélia Prado - a mesma condição de ser mulher num mundo ainda dominado pela ideologia masculina. Nesse sentido, estou irmanada com a poeta que traz dentro de si, como escreveu Hilda Hilst, o “escondido das gentes”.

Por que privilegiei Lygia F. Telles, dedicando-lhe um capítulo inteiro? Em primeiro lugar, por uma contingência: poderia ter eleito qualquer escritora feminina. Mas, ao aprofundar-me na leitura de sua obra, fiquei fascinada, ou “fui fígada”, como diria Lygia, pela densidade das personagens. Em todas reconheci uma parte do universo feminino que me é muito próximo. Por outro lado, a autora Lygia não é uma só, não pode ser encerrada numa categoria ou gênero, assim como nenhum escritor ou escritora é uma unidade fechada. A Lygia de *A Confissão de Leontina* é diferente da Lygia de *Natal na Barca*, de *Pomba Enamorada*, de *Venha Ver o Pôr-do-Sol*, assim como os romances *As Meninas*, *Verão no Aquário*, *Ciranda de Pedra* e *As Horas Nuas* poderiam ser escritos por várias autoras, pois cada qual fala de temas específicos, de diferentes momentos da vida e da própria arte de escrever da escritora – que também está sempre se refazendo. Autora e obra fazem parte do movimento da vida. Da mesma forma, a Lygia que exercita a escrita feminina e não feminista, na ficção, é muito diferente da que escreveu o manifesto feminista *Mulher, Mulheres*, ou da que fragmentou suas memórias misturadas com ficção em *Invenção e Memória* ou em *A Disciplina do Amor*, onde somos seduzidas pelo seu “contar mentiroso”. Assim, qualquer autor ou autora potente é capaz de oferecer um universo de leituras a quem se dispuser ao

empreendimento. Mas, acima de tudo, o que me interessou e me interessa mais profundamente são os autores e autoras capazes de descortinar o universo feminino, na certeza de que, com a consciência ampliada da condição da mulher somos capazes de compreender melhor a própria condição humana.

No primeiro capítulo, procurei definir o que é escrita feminina e mostrar, com alguns exemplos, como ela existe tanto em autores homens quanto em autoras mulheres. Assim, Rachel de Queiróz e Patrícia Melo são duas escritoras separadas por épocas diferentes, mas que têm em comum uma escrita não-feminina. Já Guimarães Rosa e Joyce algumas vezes escrevem femininamente. Os depoimentos das escritoras ajudam a compreender melhor o pensamento delas, como elas percebem sua condição de mulher e o que significa para elas o ato de escrever.

No segundo capítulo, penetrei no universo ficcional de Lygia F. Telles. Elegi alguns contos que demonstram tanto a complexidade formal de sua escrita, quanto sua densidade semântica e potência reveladora. Mas o mais importante foi ter descoberto como essa escrita é exercida por Lygia. Ela emerge da sensualidade no ato de escrever, manifesta-se no significante desarticulado do signo, na oralidade, no tom intimista, no “contar mentiroso”, e nos próprios temas que privilegiam os dramas e tragédias femininos.

O terceiro capítulo foi dedicado à leitura de alguns textos de Hida Hilst, Lya Luft, Clarice Lispector e Adélia Prado, onde pude identificar marcas da escrita feminina numa linguagem altamente complexa e de extraordinária qualidade literária. As críticas e críticos teóricos aos quais recorri para ajudar nessa reflexão ajudaram a descortinar novas realidades e a mostrar que, se a linguagem é a única forma de se pensar o mundo, ela tem que ser reinventada, quando o que está expresso é uma nova visão deste mundo. Busquei ainda uma aproximação entre cultura e literatura, trazendo à tona o pensamento ecológico e a articulação que as ecofeministas fazem entre ecologia e feminismo e, finalmente, referi-me a uma mulher que foi, nos anos 70, o símbolo da liberação feminina: a atriz Leila Diniz.